

CIRANDA: metodologia de design contra opressões para trabalhar junto a movimentos sociais

CIRANDA: design methodology against oppression to work alongside social movements

SERPA, Bibiana; Doutora; Universidade Federal do Rio de Janeiro

bibianaoserpa@gmail.com

MAZZAROTTO, Marco; Doutor; Universidade Tecnológica Federal do Paraná

marcomazzarotto@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar Ciranda, uma metodologia que vem sendo desenvolvida em projetos de design que combatem a opressão. A proposta surge a partir do trabalho realizado pela Rede Design e Opressão em parceria com movimentos sociais e comunidades oprimidas. A metodologia tem seis eixos norteadores: assembléia popular, diálogos, temas geradores, desvelamento, práxis coletiva e sistematização da experiência. Esses eixos reúnem princípios e práticas oriundos da pedagogia crítica e da pesquisa militante que podem auxiliar designers e pesquisadores nas particularidades da condução de projetos engajados em lutas contra a opressão.

Palavras Chave: metodologia de design, pedagogia crítica, pesquisa militante, movimentos sociais

Abstract

This article aims to present Ciranda, a methodology that has been developed in design projects that combat oppression. The proposal emerged from work led by the Design and Oppression Network in partnership with social movements and oppressed communities. The methodology has six guiding axes: popular assembly, dialogues, generating themes, unveiling, collective praxis, and systematization of experience. These axes bring together principles and practices stemming from critical pedagogy and militant research which can help designers and researchers with the particularities of conducting projects engaged in struggles against oppression.

Keywords: design methodology, critical pedagogy, militant research, grassroots movements

1 Introdução

As práticas hegemônicas de design – capitalistas, patriarcais, racistas e coloniais – são orientadas para projetos diretamente ligados à manutenção de estruturas que corroem as possibilidades de um futuro justo para todos (Escobar, 2018). Como consequência da dominação política, econômica e cultural, a formação de designers, independentemente do país, tem ênfase em projetos para manter a lógica das grandes economias industriais do Norte Global (Noel, 2020). Uma das estratégias para reforçar essa forma opressiva de Design é a disseminação de métodos e ferramentas considerados universais para qualquer contexto ou problema (Ansari, 2019).

No entanto, algumas abordagens buscam fissuras, rompendo com a hegemonia no campo com maior ou menor radicalidade, como é o caso do Design Participativo (Ehn, 1994), o Design Descolonizador (Schultz et al., 2018), o Design Autônomo (Escobar, 2018) e as propostas curriculares contra-hegemônicas de Noel (Noel, 2020), para citar apenas alguns.

Na mesma linha, fazemos parte de uma rede que vem desenvolvendo trabalhos teóricos e práticos com o objetivo de impulsionar esse movimento contra-hegemônico no Design. A Rede Design e Opressão foi fundada em 2020 por professores, estudantes e profissionais de design de todo o Brasil e, desde então, conta com membros em diversos países. Desde o início, a rede se preocupou com a realidade latino-americana – colonizada, culturalmente invadida, subdesenvolvida e oprimida de diversas formas por violências e desigualdades históricas. A rede atua em estreita relação com os movimentos sociais e as comunidades oprimidas e aborda o design como um processo pedagógico e crítico, de modo que o espaço de design se torna uma oportunidade de escuta, reflexão, disputa, síntese, cuidado mútuo e militância contra todas as formas de opressão (Van Amstel et al., 2021).

Este artigo apresenta a Ciranda, uma proposta metodológica para projetos de design que combatem a opressão em cooperação com movimentos sociais, que tem seu nome inspirado em uma dança da cultura popular brasileira¹.

A Ciranda – Metodologia de Design Contra a Opressão – é o resultado do trabalho que vem sendo realizado pela Rede Design e Opressão, incluindo os autores deste texto e outros membros ativos. Ela apresenta as lições aprendidas em nossa militância junto aos movimentos sociais e na experiência de mobilização de designers e estudantes para apoiar esses movimentos. Especificamente, a primeira autora trabalha no movimento feminista e com ONGs que promovem iniciativas de educação popular e comunicação para fortalecer as lutas por meio da politização, e o segundo autor trabalha com movimentos sociais e ONGs na luta por moradia para a população periférica e pela melhoria da infraestrutura e da educação em áreas ocupadas (Figura 1).

Figura 1 - Exemplos de ações realizadas em aliança com movimentos sociais.

(1) Reconstrução da favela 29 de Março (Curitiba, Brasil) após ter sido incendiada pela polícia, reunindo arquitetos, designers e moradores da comunidade, coordenada pela ONG TETO. (2) Ação artística denunciando mortes por aborto inseguro em um protesto feminista no Rio de Janeiro, Brasil. (3) Debate e estratégia para campanha de direitos reprodutivos com estudantes de design e o movimento feminista no Rio de Janeiro, Brasil (4) Ações educativas com crianças da favela Tiradentes, Curitiba, Brasil, coordenadas por estudantes de design (5) Oficina de cocriação com estudantes de design e moradores da periferia de Nova Iguaçu, Curitiba, Brasil. (6) Construção coletiva de uma linha do tempo feminista em uma ação de educação política no Rio de Janeiro, Brasil.

¹ A ciranda é uma dança de roda da cultura popular brasileira, fortalecida em Pernambuco, no nordeste do país. É uma dança democrática, pois abrange todos os gêneros, idades e classes sociais, e não há limite para o número de pessoas. Os dançarinos se movimentam de mãos dadas e balançam seus corpos de forma circular, seguindo o ritmo repetitivo das músicas (Teller, 2009).



Fonte: Acervo dos autores.

As principais influências na realização desse trabalho com movimentos sociais e comunidades são a pedagogia crítica e a pesquisa militante, que foram concebidas na América Latina durante a década de 1960. Essas abordagens são discutidas na primeira seção do artigo, onde recuperamos sua relação com o design para estabelecer uma base teórico-política sobre a qual nossa experiência foi construída. Em seguida, a Metodologia Ciranda – Design Contra a Opressão é apresentada e seus seis eixos são delineados: Assembleia popular, Diálogos, Temas geradores, Desvelamento, Práxis coletiva e Sistematização da experiência.

2 Base teórico-política

2.1 Pedagogia crítica freireana e design participativo

Paulo Freire (1921-1997) foi um educador e filósofo brasileiro reconhecido por suas contribuições à pedagogia crítica latino-americana. Embora seu trabalho tenha se concentrado na alfabetização de adultos, tornou-se mundialmente conhecido como uma proposta de educação engajada na luta pela libertação de grupos oprimidos. Essa proposta busca equalizar as posições de poder dentro dos processos educacionais, uma vez que o trabalho não é realizado para ou sobre

esses grupos, mas é realizado com eles, de forma dialógica e solidária.

Com isso, Freire quer evitar a invasão cultural (Freire, 1996) que ocorre quando modos de ser e de saber considerados inferiores, como os dos alunos, são suplantados por conhecimentos externos considerados superiores, como os dos professores. Inspirada nos movimentos de libertação africanos descritos por Frantz Fanon (1963), a pedagogia freireana também pode ser considerada uma pedagogia anticolonial que visa à autonomia e à independência das pessoas oprimidas pela colonização. Mais do que aprender a ler e escrever palavras, a pedagogia crítica incentiva os oprimidos a ler o mundo de forma crítica e, em comunhão, a escrever sua própria história.

A pedagogia crítica defende a participação de todos na reflexão sobre o mundo e na construção de ações para sua transformação (Freire, 1996). Nessa proposta epistemológica, o protagonista não é o educador que transmite o conhecimento, mas o aluno que produz novas interpretações com base em sua realidade. Da mesma forma, ao projetar contra a opressão, o foco está nos grupos sociais cuja agência na concepção do mundo foi negada.

A proposta participativa e dialógica de Freire para a educação teve repercussões em vários campos, inclusive no design. Suas ideias influenciaram as vertentes mais politizadas do design participativo, que fazem referência direta ao seu trabalho (Ehn, 1988). No entanto, essas referências foram sistematicamente apagadas e cooptadas pela lógica dominante, especialmente quando o Design Participativo retornou ao Brasil como um método desvinculado de suas origens críticas e periféricas (Amaral, Maynard e Mazzarotto, 2022). Como resposta, a relação entre o pensamento freireano e o Design foi reavivada em inúmeros trabalhos críticos recentemente (Gonzatto, 2018; Noel, 2020; Van Amstel e Gonzatto, 2020; Cruz, 2021; Mazzarotto e Serpa, 2022; Silva, 2022; Silva, 2023; Serpa, 2022, Serpa, 2023).

A pedagogia do oprimido de Freire apresenta elementos metodológicos para a prática que contribuem para abordagens de design crítico. Seu método de alfabetização de adultos acontece por meio de círculos de cultura, um processo altamente contextualizado com a realidade local. O círculo de cultura consiste em quatro fases:

- 1) **Pesquisa do vocabulário:** Por meio de visitas, observações e conversas com os moradores da comunidade, são identificadas as palavras e os temas mais comuns e relevantes.
- 2) **Definição de temas geradores:** Com base no universo de vocabulário investigado, são definidos os temas geradores. Esses temas são relevantes para a comunidade e também são considerados pelos educadores como tendo potencial crítico.
- 3) **Codificação:** os temas geradores são codificados em representações que podem ser vistas e discutidas por todos, como ilustrações, fotografias, músicas ou peças de teatro. Como a pedagogia crítica se concentra na alfabetização de adultos, essas representações geralmente não são escritas.
- 4) **Decodificação:** Em um círculo, todos discutem os temas geradores codificados. A cada rodada de discussões, eles procuram aprofundar sua compreensão crítica do tópico e descobrir as dimensões políticas envolvidas, até chegarem às origens das opressões expressas pelo tema gerador.

Essas diretrizes políticas e metodológicas inspiraram a criação da Ciranda, como discutiremos mais adiante.

2.2 Pesquisa Militante e Design

A pesquisa militante surgiu na América Latina no início da década de 1960, expressando a reflexão político-histórica de acadêmicos e militantes sobre práticas emancipatórias na produção de conhecimento. Entre as décadas de 1960 e 1980, golpes militares financiados pelo governo dos Estados Unidos devastaram a região e impossibilitaram o progresso prático e teórico da pesquisa militante. Desde então, pesquisadores de diferentes áreas vêm recuperando essa abordagem para qualificar suas práticas nos movimentos sociais (Varella, 2017).

Há diferentes tradições e perspectivas de pesquisa militante na América Latina. Bringel e Varella (2014) destacam algumas experiências emblemáticas, como a educação crítica de Paulo Freire; a pesquisa-ação participativa de Orlando Fals Borda; e a metodologia de sistematização de experiências de Oscar Jara. Nos últimos anos, alguns estudiosos do design têm se debruçado sobre essas perspectivas em relação ao design, como Ibarra (2020); Calderon Salazar & Huybrechts (2020); Serpa et al. (2020), Mazzarotto & Serpa (2022), Silva (2023).

O trabalho de Serpa (2023) é uma tentativa de organizar essas propostas sob a denominação de Pesquisa Militante em Design (PMD), que ressoou no estudo de Pinto, Julier e Tapia (2023). Na abordagem PMD, o projeto de pesquisa é conduzido pelos interesses da comunidade ou do movimento social e por suas próprias ferramentas e técnicas que orientam o debate, a deliberação e a ação. Isso aponta para uma disposição permanente de superar a dicotomia sujeito-objeto da pesquisa, uma vez que o movimento está pesquisando a si mesmo, não sendo pesquisado por outros, e o pesquisador é um militante, não apenas um pesquisador.

A participação é fundamental para o PMD. Serpa (2023) aponta a criação de condições para a participação como um desafio constante, pois não basta promover ideais democráticos sem abordar seriamente as desigualdades que historicamente afetam as pessoas que participam do processo. Portanto, é necessário ir além das técnicas de design participativo, pois elas geralmente se concentram no desenvolvimento de um produto e não têm necessariamente um horizonte político de emancipação.

No PMD, o conhecimento emerge da ação política como uma produção compartilhada, mais do que da observação ou da participação em processos de design, como é o caso da abordagem tradicional de design participativo. Trata-se de uma conscientização coletiva (Freire, 1996), por meio da qual todos desenvolvem não apenas a capacidade de refletir e questionar profundamente suas próprias condições históricas e sociais, mas também de construir uma estratégia para agir sobre essa realidade.

A pesquisa de design militante combate o “solucionismo” como um *modus operandi* e não lida necessariamente com produtos de design formais. O resultado pode ser qualquer instrumento social e material necessário para fortalecer o movimento, como um evento, um mapeamento de cachoeiras para serviços de ecoturismo, um protesto, uma iniciativa de defesa de direitos etc. Dessa forma, o design é entendido além do artefato ou da coleta de informações do “usuário”.

2.3 Princípios políticos para a Ciranda – Metodologia Design Contra a Opressão

Considerando a Pedagogia Crítica e a Pesquisa Militante e sua relação com o design, destacamos seis princípios políticos que orientam a proposta da Ciranda:

- 1) **Humildade:** a prática da tolerância e do respeito por si mesmo e pelos outros. É uma atitude necessária para o engajamento na pesquisa coletiva e no desenvolvimento de projetos.
- 2) **Solidariedade:** floresce no exercício da corresponsabilidade e é o resultado de um processo

- de conscientização e disposição para agir em apoio aos oprimidos (Serpa & Silva, 2021).
- 3) **Dialogicidade:** a postura dialógica é o fundamento primordial do processo libertário. Tem a ver com a capacidade de ouvir e se envolver em discussões e deliberações coletivas.
 - 4) **Criticidade:** a capacidade de refletir criticamente sobre a realidade em que as pessoas estão inseridas, possibilitando identificar, compreender e intervir para transformá-la. Tem a ver com fazer boas perguntas e sair do senso comum.
 - 5) **Historicidade:** consiste em reconhecer as experiências históricas como processos, negar o determinismo, defender a recuperação do conhecimento existente e investir na capacidade de criar o que ainda não existe (Pinto, Julier & Tapia 2023).
 - 6) **Autonomia:** é a experiência de liberdade; envolve a humanização de pessoas historicamente desumanizadas, promovendo o ganho de confiança em si mesmas e no que desejam para si e para os outros.

3 Design contra a opressão: uma proposta metodológica

Essa metodologia não tem a pretensão de estar pronta ou de não ser mais mutável. Ela é flexível, de modo que pode ser adaptada a diferentes realidades, mas requer um compromisso político e de longo prazo com a luta popular, de modo que pode não ser atraente para todos ou para qualquer projeto. Ela representa o que aprendemos nos últimos anos ao projetar com comunidades oprimidas e movimentos sociais como parte do trabalho sustentado pela Design and Oppression Network.

Essa abordagem pode contribuir para outros pesquisadores e designers que queiram trabalhar com comunidades oprimidas com base nos princípios e práticas da pedagogia crítica latino-americana e da pesquisa militante. Como uma metodologia sistematizada, ela também representa um recurso adicional para que estudantes e designers iniciantes compreendam e se apropriem desses conceitos e práticas.

Um dos riscos de propor uma metodologia é ignorar o fato de que a relação entre as comunidades e a realidade vivida é diversa, altamente contextualizada e tem interesses particulares. Ignorar isso e propor um método fixo é cair no mesmo equívoco apontado por Ansari (2019) ao criticar os kits de ferramentas de design thinking que invadiram o Paquistão, substituindo as práticas locais sem diálogo e contextualização, uma prática chamada de invasão cultural por Freire (1996).

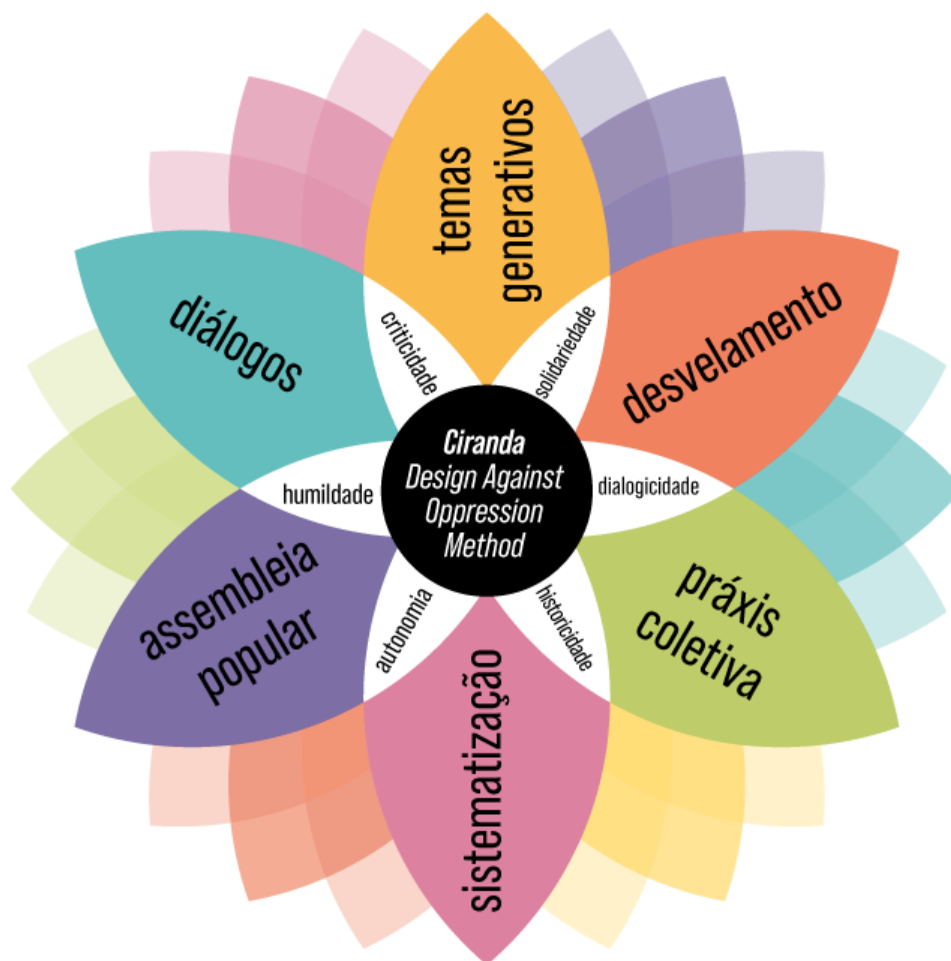
Para enfrentar esse problema, a Metodologia do Design Contra a Opressão (figura 2) foi concebida como Ciranda, o que significa que não se baseia em etapas, ferramentas ou passos obrigatórios. Em vez disso, propomos seis eixos: assembleia popular, diálogos, temas geradores, revelação, práxis coletiva e sistematização da experiência. Esses eixos reúnem abordagens e práticas derivadas da pedagogia crítica e da pesquisa militante que podem ajudar com as particularidades da condução de projetos com movimentos sociais e comunidades oprimidas. Não há uma ordem fixa na qual eles devam ser implementados; frequentemente, um eixo deve ser abordado mais de uma vez em um projeto. Cada um deles não deve ser realizado isoladamente; os participantes devem se mover como dançarinos em uma ciranda, passando de um eixo para outro ritmicamente.

Além disso, no centro da Ciranda, incluímos os seis princípios políticos da pedagogia crítica freireana e da pesquisa militante discutidos anteriormente: solidariedade, dialogicidade, historicidade, autonomia, humildade e criticidade. Esses princípios não são estágios nem são

estáticos, eles se movem ao redor e entre os eixos. Como horizontes necessários para a implementação dos eixos orientadores do projeto, os princípios políticos ajudarão a evitar que o projeto seja conduzido de forma opressora, ainda que com boas intenções.

A nomenclatura dos princípios políticos e dos eixos orientadores é, propositalmente, oriunda de um vocabulário presente na pedagogia crítica, na pesquisa militante e no cotidiano dos movimentos sociais e suas práticas organizativas.

Figura 2 - Representação visual da Ciranda – Metodologia do design contra a opressão.



Fonte: Autores.

Os objetivos e as contribuições de cada eixo orientador são:

- **Assembleia popular:** Espaço coletivo de debate que promove decisões sobre o projeto. É o local legítimo para a tomada de decisões e acordos.
- **Diálogos:** Criar condições para trocas significativas e lidar com as diferenças, garantindo que o método e os resultados sejam contribuições valorizadas por todos, os projetistas e a comunidade.
- **Temas geradores:** Reúne os pontos de partida temáticos do projeto. Ajuda a garantir que as questões abordadas pelo projeto - problemas, carências, desejos ou abundâncias - estejam diretamente ligadas aos interesses da comunidade.
- **Revelação:** Desnudar a realidade coletivamente. Ajuda a garantir que o processo de design seja crítico e educativo, permitindo que os designers e a comunidade compreendam

melhor as opressões que permeiam sua realidade e como lutar contra elas.

- **Práxis coletiva:** Garantir que o relacionamento com a comunidade não seja idealizado nem sem sentido, mas que se traduza em ações transformadoras concretas.
- **Sistematização da experiência:** Garantir que as lições aprendidas e os novos conhecimentos e práticas gerados possam ser registrados, organizados e comunicados para ajudar em ações futuras.

A implementação desses eixos, bem como a adesão aos princípios políticos, visa a valorizar prioridades diferentes das que os projetos de design costumam ter em outros contextos. Além de buscar investigar uma questão específica e apresentar um resultado para lidar com ela, os projetos orientados pela pedagogia crítica e pela pesquisa de design militante também buscam expandir a capacidade da comunidade de projetar para si mesma. Isso está de acordo com a pesquisa militante como um projeto de design emancipatório, que ajuda a liberar e fortalecer a comunidade para agir de forma autônoma (Serpa, 2023). Em paralelo à abordagem educacional freireana (Freire, 1996), os projetos de design contra a opressão buscam expandir a consciência crítica dos envolvidos, a capacidade de dialogar e trabalhar coletivamente e a capacidade de agir e transformar o mundo.

A metodologia proposta exige uma determinada postura dos designers envolvidos. Em vez de uma posição de mediador, o designer precisa ser um camarada (Dean, 2019). Como aponta a autora, o que une os camaradas não se baseia na identidade compartilhada, mas na ação em luta compartilhada. Nesse sentido, o designer assume qualquer papel necessário para o projeto, mesmo aqueles que não parecem ser de um designer. Ele pode até ser um líder ou mediador se as circunstâncias exigirem, mas provavelmente será apenas mais um militante entre outros. O designer camarada não impõe seus conhecimentos e práticas, mas os disponibiliza para a comunidade para serem utilizados da maneira que ela achar melhor.

Nos tópicos a seguir, discutiremos como cada eixo pode ser explorado.

3.1 Assembleia popular

O eixo norteador da assembleia popular está voltado para a construção de um ambiente decisório horizontal, democrático e diversificado para o projeto. Baseia-se no conceito de assembleia popular dos movimentos sociais, em que o termo “popular”, segundo Mauro & Rossi (2015), indica uma proposta democrática radical, um espaço de diálogo entre todas as pessoas de grupos sociais oprimidos da comunidade e membros camaradas, como designers externos. É um espaço que permite o alinhamento com os reais interesses da comunidade, respeitando sua cultura e seu contexto social. Como afirma Lima (2008), com base no trabalho de Freire, essa prática democrática não visa apenas a atingir o objetivo do projeto, mas é um processo de aprendizado existencial sobre a própria democracia, no qual discutir, ouvir, argumentar, decidir e correr riscos são elementos indispensáveis para a construção de conhecimento político.

A assembleia impacta todos os aspectos do projeto de design. Por exemplo, procura responder às seguintes questões:

- **Como usar a metodologia?** A Ciranda não tem um passo a passo fixo, pois cada projeto e coletividade tem contextos e questões únicas a serem consideradas. Quais etapas, ações e técnicas serão utilizadas ao longo do processo precisam ser uma decisão coletiva baseada na realidade da comunidade.

- **Como será a participação?** Se o diálogo e a participação são aspectos centrais da Ciranda, exigi-los e impô-los o tempo todo é contraditório e antidialógico. As pessoas de comunidades oprimidas muitas vezes têm horas de trabalho exaustivas, longos deslocamentos e tarefas domésticas para fazer. Exigir que participem sempre pode aumentar muito essa carga de trabalho. É essencial decidir coletivamente quais são os momentos-chave de participação e quais atividades podem ser delegadas a designers, outros participantes externos ou a pessoas específicas do movimento ou comunidade.
- **Quais questões o projeto abordará?** As comunidades oprimidas enfrentam muitos problemas, na medida em que criam soluções e iniciativas para enfrentar esses desafios. Quais os problemas a abordar durante o projecto, ou quais as iniciativas existentes que podem ser apoiadas e melhoradas, são decisões que devem ser tomadas pela vontade da comunidade em diálogo com os projectistas, e não apenas do ponto de vista externo e muitas vezes preconceituoso ou ingênuo dos último.
- **Quais são os resultados mais adequados?** O desenvolvimento e seleção dos resultados mais adequados para o projeto não pode basear-se apenas na percepção estética e política de designers externos, mas é uma decisão coletiva.

3.2 Diálogos

Este eixo norteador busca implementar um diálogo crítico que possibilite decisões, criações e aprendizagem como uma síntese das vozes, conhecimentos e práticas da comunidade interagindo dialeticamente com as vozes, conhecimentos e práticas de designers e outros sujeitos. Com base na perspectiva freireana (Freire, 1996), argumentamos que a comunidade possui conhecimentos experienciais que são fundamentais para o projeto e devem ser respeitados, valorizados e utilizados.

Os designers também possuem conhecimentos importantes provenientes da sua formação profissional que, embora muitas vezes baseada em visões coloniais e capitalistas (Noel, 2020), podem e devem ser ressignificados através do diálogo crítico com a comunidade. Como afirma Fanon (1963), o papel da burguesia colonizada é precisamente trair a sua vocação de opressora e colocar à disposição dos oprimidos todos os conhecimentos e recursos obtidos no sistema colonial. Portanto, o projeto de design contra a opressão não reflete apenas o conhecimento da comunidade ou apenas do designer, é algo ainda maior que a soma das partes, resultado que emerge do diálogo entre os dois.

Os diálogos podem ocorrer em diferentes níveis, visando intervir criticamente em relações desequilibradas:

- **Sul-Norte²:** diálogos que confrontam as formas de lidar com as situações do Norte Global, muitas vezes impostas na prática de trabalho do design e na construção do conhecimento. Defendemos a apropriação e a ressignificação através do diálogo que cumpra os interesses

² Utilizamos as categorias Norte-Sul Global para enfatizar as desigualdades históricas e o estado de marginalização que os Estados/pessoas/culturas do Sul Global encontram nas relações globais. Os críticos argumentam que o conceito do Sul Global simplifica excessivamente a natureza e o âmbito dos diversos países, não conseguindo captar as múltiplas realidades econômicas, políticas e culturais dos países que agrupa. No entanto, estas opiniões podem avaliar injustamente a ideia do Sul Global pelo que não inclui, e não pelo que realmente representa. Na verdade, o seu valor reside em destacar a luta partilhada que estes países/povos enfrentam para superar o imperialismo e influenciar as estruturas internacionais em comparação com o Norte Global, e não numa identidade homogênea (Carvalho, 2023).

e necessidades dos oprimidos. Seguindo a tradição brasileira da antropofagia (van Amstel & Gonzatto, 2020), conceitos e práticas estrangeiras não são rejeitados, mas “devorados e digeridos” juntamente com os conceitos do Sul Global.

- **Comunidade-Outros Agentes:** diálogos que criam possibilidades de troca de conhecimentos e práticas entre grupos sociais oprimidos e os outsiders envolvidos no projeto. Além de focar nas diferenças de conhecimento técnico, este tipo de diálogo centra-se em lidar com as disparidades de classe, raça, gênero e grupos territoriais.
- **Vulnerabilidades partilhadas:** diálogos orientados para a construção de confiança e camaradagem entre todos os envolvidos na luta, criando assim condições para o envolvimento e participação horizontais.

3.3 Temas Geradores

O eixo norteador dos temas geradores centra-se na compreensão das preocupações da comunidade que podem ser abordadas pelo projeto. No método de alfabetização em pedagogia crítica (Freire, 1996), os temas geradores são definidos a partir do universo vocabular investigado. São questões importantes para a vida dos educandos e que servem de ponto de partida para o processo de aprendizagem. O objetivo é envolvê-los numa análise crítica da sua realidade e, ao fazê-lo, promover o diálogo, a consciência crítica e a ação transformadora.

Na Ciranda, os “temas geradores” têm como foco central a compreensão dos interesses mais prementes da comunidade, gerando engajamento durante o processo de concepção e garantindo que os resultados sejam verdadeiramente benéficos para a comunidade. Tópicos relevantes para os designers, incluindo aqueles com potencial para contribuir para a comunidade, que não fazem parte das preocupações imediatas da comunidade, provavelmente não serão abordados diretamente. Uma abordagem dialógica consiste na procura de temas geradores locais que se relacionem com preocupações externas, permitindo que tanto a comunidade como os designers se envolvam num projecto baseado nos seus interesses.

Na literatura que aborda estratégias de design contra-hegemônicas com comunidades oprimidas, é comum encontrar argumentos para temas de design que focam em desejos (Leitão, 2022) ou abundância (Rodríguez-Romero et al, 2022) em vez de problemas, ausências ou necessidades. Reconhecemos a relevância da sua proposta, mas cabe ao coletivo decidir se apoia iniciativas que a comunidade vê de forma positiva, a sua abundância e desejos, ou olha para os seus problemas e ataca a escassez e necessidades. Esses focos serão os temas geradores, que devem ser revisitados e ajustados com o caminhar do projeto.

3.4 Desvelamento

Em sua teoria pedagógica, Paulo Freire (1996) fala do desvelamento como resultado do estudo humilde e crítico da realidade. Neste sentido, o desvelamento não se limita à simples coleta de dados; acima de tudo, trata-se de compreender como as pessoas se sentem em relação à sua realidade, indo além da simples observação dos fatos. A leitura da realidade não é um esforço intelectual que algumas pessoas fazem e repassam a outras, exige comprometimento e disposição para enfrentar tarefas difíceis e se surpreender com seus resultados.

Para Freire (2018), a interpretação do mundo é sempre uma construção social da realidade, portanto, está sempre imbuída da ideologia dominante. O senso comum deve ser questionado ativamente, pois acaba perpetuando sistemas de opressão como se fossem “naturais”. Para

desmantelá-lo, devemos interrogar o que sabemos ser “verdadeiro” para distinguir uma leitura crítica da realidade de uma leitura ingênua.

Paulo Freire (1996) apresenta a proposta metodológica de codificação/decodificação para mediar o processo de desvelamento. A codificação de uma situação vivida é a sua representação através de ilustrações, fotografias, peças teatrais, poesias, canções, entre outros; e a decodificação é a análise crítica da situação codificada, conforme apresentada na seção 2. O desvelamento está relacionado, portanto, à apreensão do conhecimento, a partir da decodificação da realidade por meio da análise crítica de temas geradores (seção 3.3) e do diálogo (seção 3.2) .

Esse tipo de conhecimento é construído na prática militante da pesquisa. Conhecer e apropriar-se das questões é uma capacidade desenvolvida dando tratamento político ao conteúdo aprendido e às atitudes adotadas em relação a ele. Este processo pode ser, ao mesmo tempo, libertador e trazer gatilhos para as pessoas, porque pode levar a experimentar contradições na sua própria vida, por exemplo, trabalhar para empresas capitalistas enquanto defende princípios anticapitalistas ou ser uma pessoa negra que enfrenta o racismo estrutural. Neste sentido, é importante avançar para uma práxis coletiva, caso contrário, o desvelamento pode resultar na desesperança individual, quando se compreende a crueldade e a magnitude dos sistemas de opressão sem vislumbrar possibilidade de ação potencialmente libertadora (Silva, 2022; Serpa, 2022).

3.5 Práxis Coletiva

A práxis é um conceito central para a pedagogia crítica e para a concepção de abordagens para combater a opressão. A práxis não se restringe à crítica da situação vivida, mas estabelece um horizonte para a ação coletiva: ação e reflexão andam de mãos dadas e são indissociáveis.

A ação por si só é ativismo, sem diálogo e sem revelação. A reflexão por si só é verbalismo, apenas “blá-blá-blá”, sem nenhuma mudança concreta no mundo. A práxis é transformar o mundo ao pensar criticamente sobre ele e como melhorar a experiência de vida (Mazzarotto & Serpa, 2022). Como visto nos tópicos anteriores, o diálogo crítico, o desvelamento das opressões e a práxis são partes indissociáveis deste método, conduzindo a ações concretas de design, em ciclos de ação e reflexão que constroem a transformação de si e do mundo.

Existem diferentes ferramentas e técnicas para investigar, esboçar, experimentar, prototipar e avaliar processos de design. A maioria deles teve origem no Norte Global e espalhou-se pelo mundo como kits de ferramentas universais (Ansari, 2019), variando no nível de criticidade e compromisso político que adoptam. No entanto, as pessoas lutam, aprendem, educam e teorizam de maneiras específicas, onde quer que estejam. Notavelmente, os movimentos sociais dedicados à aprendizagem e à ação coletiva podem construir, sustentar e ampliar a resistência popular (Serpa, 2023).

Nesse sentido, os projetos de design precisam ter um olhar crítico sobre a história desses movimentos e uma abertura para valorizar ferramentas e técnicas não formais que os ajudem a refletir e a criar a partir das lutas e experiências cotidianas.

3.6 Sistematização de Experiências

A sistematização de experiências é uma metodologia latino-americana proposta por Jara (2009) e está relacionada à pedagogia crítica e à pesquisa militante. Este processo consiste em

refletir sobre diferentes experiências e utilizar a própria experiência como objeto de estudo e formulação teórica, possibilitando reconhecer lições e difundir aprendizados. Não se trata da mera descrição de uma série de fatos e ações, nem da organização dos dados de uma determinada experiência. Mais do que isso, a sistematização de experiências visa ampliar o conhecimento do movimento sobre si mesmo e ampliar a possibilidade de atuação política, comunicando esses aprendizados a outras organizações de base.

Nos projetos de design que combatem a opressão, a sistematização da experiência pode nutrir o movimento e fortalecer a sua ação política, ao mesmo tempo que contribui para o projeto e os seus resultados. A equipe deve prever e promover o registro contínuo de discussão, deliberação, disputas e desenvolvimento. Isso pode ser feito com a ajuda de uma variedade de técnicas do design e de outros campos de conhecimento.

Neste sentido, é preciso ir além da mera descrição do que aconteceu e colocar em prática uma vontade ativa de construir um pensamento criativo. A capacidade de analisar o processo está diretamente ligada à nossa sensibilidade de olhar a experiência não para ver como nossas ideias anteriores se concretizam ou não, mas para nos deixarmos influenciar pelo ocorrido. Em certo sentido, é contra-intuitivo para os designers, uma vez que se baseia na ação no “contexto de descoberta” e não na ação solucionista no “contexto de justificação” que normalmente orienta os processos de design (Sarpa, 2022).

4 Conclusão

Este texto apresenta uma proposta metodológica para projetos de design que combatam a opressão junto a movimentos sociais e comunidades oprimidas. A Ciranda – Metodologia de Design Contra a Opressão – representa as lições aprendidas nos últimos anos pela Rede de Design e Opressão em projetos realizados em diferentes territórios. O método é moldado principalmente pelas abordagens da pedagogia crítica e da pesquisa militante, ambas originadas na América Latina durante a década de 1960.

A pedagogia crítica, iniciada por Paulo Freire, centra-se na ideia de libertação através da educação. Enfatiza a necessidade de pensamento crítico, emancipação e conscientização no processo de aprendizagem. A pedagogia crítica inspira este método através dos seus elementos metodológicos e dos seus princípios políticos.

A pesquisa militante é caracterizada por sua orientação ativista e compromisso com a produção de conhecimento que sirva à transformação social e política. A pesquisa militante afetou o nosso trabalho como investigadores com movimentos sociais e comunidades oprimidas e influenciou os resultados dos projectos de design e os seus princípios políticos orientadores, bem como a reflexão sobre o papel do designer e as práticas de produção de conhecimento dentro destes projetos.

A Metodologia de Design Contra a Opressão leva o nome de Ciranda, uma dança democrática da cultura popular do Nordeste do Brasil. Essa metodologia possui seis eixos norteadores: assembleia popular, diálogos, temáticas geradoras, desvelamento, práxis coletiva e sistematização da experiência. Assim como a dança Ciranda, o processo metodológico não tem ponto de partida, nem passos (ou movimentos) fixos, os praticantes devem movimentar-se pelos eixos respeitando o ritmo. Os princípios políticos de solidariedade, dialogicidade, historicidade, autonomia, humildade e criticidade devem ser horizontes do projeto. Essas são habilidades a serem desenvolvidas ao mesmo tempo que são condições necessárias para a implementação do

projeto.

Apesar da metodologia ser baseada em ações práticas realizadas pela Rede Design e Opressão, não foi possível apresentar exemplos concretos ao longo do artigo, dada a complexidade da proposta e o espaço disponível. O foco deste trabalho, portanto, está na organização sistemática de uma orientação conceitual e prático-política sobre como trabalhar com movimentos sociais e comunidades oprimidas. Trabalhos futuros devem apresentar e analisar experiências de campo, que poderão ser examinadas à luz das propostas aqui delineadas, especialmente considerando os eixos e os princípios políticos que não foram profundamente explorados. Também são incentivados mais trabalhos sobre desafios e disputas proeminentes em torno dos projetos, especialmente considerando as diferenças e desigualdades que existem entre os diferentes grupos.

A Metodologia de Design Contra a Opressão é fruto de um trabalho contínuo e terá diferentes usos e ajustes dependendo das condições do projeto e das pessoas envolvidas. A versatilidade do método não deve ser confundida com falta de foco.

Paulo Freire oferece um método que ajuda os educadores a trabalhar em conjunto com as populações oprimidas buscando conscientização coletiva sobre sua realidade para lutar pela libertação. Da mesma forma, esperamos que o método aqui proposto possa ajudar os designers, a maioria dos quais foram treinados nas profundezas da hegemonia opressora, a rejeitar as suas origens e a trabalhar em colaboração com comunidades oprimidas. Estamos ao lado dos oprimidos, esperando que mais designers se sintam confiantes para trabalhar ao lado de pessoas que estejam dispostas a construir outro projeto para a sociedade.

Minha ciranda não é minha só, ela é de todos nós. A melodia principal quem guia é a primeira voz. Pra se dançar ciranda juntamos mão com mão, formando uma roda, cantando uma canção (Lia de Itamaracá, 2000).

5 Referências

ANSARI, A. **Global Methods, Local Designs**. In: *The Social Design Reader*. Nova Iorque: Bloomsbury Press, 2019.

AMARAL, M. L. S. do; MAYNART, L. B.; MAZZAROTTO, M. **Paulo Freire e design participativo: contribuições, ausências e apagamentos**. In: *Anais do 14º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*. São Paulo: Blucher, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5151/ped2022-2554593>. Acesso em: 17 jul. 2024.

CALDERON SALAZAR, P.; HUYBRECHTS, L. **PD Otherwise Will Be Pluriversal (or It Won't Be)**. In: *Proceedings of the 16th Participatory Design Conference 2020 - Participation(s) Otherwise - Volume 1 (Manizales, Colombia) (PDC '20)*. New York: Association for Computing Machinery, 2020. p. 107–115. Disponível em: <https://doi.org/10.1145/3385010.3385027>. Acesso em: 17 jul. 2024.

CARVALHO, G. de. **Global South: The “Rest” vs the West?** ISPI, 2023. Disponível em: <https://www.ispionline.it/en/publication/global-south-the-rest-vs-the-west-157988>. Acesso em: 17 jul. 2024.

CRUZ, C. C. **Brazilian grassroots engineering: a decolonial approach to engineering education**. *European Journal of Engineering Education*, v. 46, n. 55, p. 690-706, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03043797.2021.1878346>. Acesso em: 17 jul. 2024.

DEAN, J. **Comrade: An Essay on Political Belonging**. New York: Verso Books, 2019.

- EHN, P. **Work-oriented design of computer artifacts**. Stockholm: Arbetslivscentrum, 1988.
- ESCOBAR, A. **Designs for the Pluriverse Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds**. Durham and London: Duke University Press, 2018.
- FANON, F. **The Wretched of the Earth**. New York: Grove Press, 1963.
- FREIRE, P. **Pedagogy of the oppressed (revised)**. New York: Continuum, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Compromisso: América Latina e Educação Popular**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- IBARRA, M. C. **Aproximaciones a un diseño participativo sentipensante: correspondencias con un colectivo de residentes en Rio de Janeiro**. In: Proceedings of the 16th Participatory Design Conference 2020 - Participation(s) Otherwise - (Manizales, Colombia) (PDC '20) & In Festival de la Imágene 2020, 2020.
- ITAMARACÁ, L. **Minha ciranda [música]**. In: *Eu sou Lia*. Brasil: Arion, 2000.
- JARA, O. **Sistematización de experiencias y las corrientes innovadoras del pensamiento latino-americano**. *Diálogo de Saberes*, n. 3, 2009.
- LEITÃO, R. M. **From Needs to Desire: Pluriversal Design as a Desire-Based Design**. *Design and Culture*, v. 14, n. 3, p. 255-276, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17547075.2022.2103949>. Acesso em: 17 jul. 2024.
- LIMA, L. C. **Gestão Democrática [Democratic Management]**. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITOSKI, J. J. *Dicionário Paulo Freire [Paulo Freire's Dictionary]*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.
- MAURO, S.; ROSSI, F. M. **The movement of popular and neighborhood assemblies in the city of Buenos Aires, 2002–2011**. *Latin American Perspectives*, v. 42, n. 2, p. 107-124, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0094582X13506>. Acesso em: 17 jul. 2024.
- MAZZAROTTO, M.; SERPA, B. O. **(anti)dialogical reflection cards: Politicizing design education through Paulo Freire's critical pedagogy**. In: LOCKTON, D. et al. (eds.). *DRS2022: Bilbao, 25 June - 3 July, Bilbao, Spain, 2022*. Disponível em: <https://doi.org/10.21606/drs.2022.710>. Acesso em: 17 jul. 2024.
- NOEL, L. **Envisioning a pluriversal design education**. In: LEITÃO, R.; NOEL, L.; MURPHY, L. (eds.). *Pivot 2020: Designing a World of Many Centers - DRS Pluriversal Design SIG Conference, 4 June, held online, 2020*. Disponível em: <https://doi.org/10.21606/pluriversal.2020.021>. Acesso em: 17 jul. 2024.
- PINTO, N.; JULIER, G.; TAPIA, A. **Pictograms for resistance: historicity and militant design research in Amazonian Ecuador**. *Journal of Visual Culture*, v. 22, n. 2, p. 176-201, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/14704129231196442>. Acesso em: 17 jul. 2024.
- RODRÍGUEZ-ROMERO, M. et al. **Revivir y celebrar: La experiencia de movilización comunitaria y arte participativo del Oasis Monte Alto. Encuentros**. *Revista De Ciencias Humanas, Teoría Social Y Pensamiento Crítico*, n. 15, p. 63–80, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.5979887>. Acesso em: 17 jul. 2024.
- SERPA, B. et al. **Political-pedagogical contributions to participatory design from Paulo Freire**. In: *Proceedings of the 16th Participatory Design Conference 2020-Participation (s) Otherwise -Volume 2*, pp. 170-174, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1145/3384772.3385149>. Acesso em: 17 jul. 2024.

SERPA, B. O.; BATISTA E SILVA, S. **Solidarity as a principle for antisystemic design processes: two cases of alliance with social struggles in Brazil.** In: LEITÃO, R. M. et al. (eds.). Pivot 2021: Dismantling/Reassembling, 22-23 July, Toronto, Canada, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21606/pluriversal.2021.0004>. Acesso em: 17 jul. 2024.

SERPA, B. **Por uma politização do design: caminhos entre o feminismo e a educação popular.** 2022. Tese (Doutorado em Desenho Industrial) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Escola Superior em Desenho Industrial. Disponível em: <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/19197>. Acesso em: 17 jul. 2024.

SERPA, B. **Militant Design Research: A Proposal to Politicize Design Knowledge-making.** Diseña, n. 22, Article.4, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.7764/disena.22.Article.4>. Acesso em: 17 jul. 2024.

SILVA, S. B. **Design nas bordas: juventude periférica, re-existências e decolonialidade em Belém do Pará.** 2022. Tese (Doutorado em Desenho Industrial) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Escola Superior em Desenho Industrial. Disponível em: <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/18690>. Acesso em: 17 jul. 2024.

SILVA, S. B. **Design In and From the Periphery: Building a Praxis of Resistance through Collective Investigations.** Diseña, v. 22, Article 3, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.7764/disena.22.Article.3>. Acesso em: 17 jul. 2024.

SCHULTZ, T.; ABDULLA, D.; ANSARI, A.; CANCLI, E.; KESHAVARZ, M.; KIEM, M.; PRADO DE O. MARTINS, L.; VIEIRA DE OLIVEIRA, P. J. S. **What Is at Stake with Decolonizing Design? A Roundtable.** Design and Culture, v. 10, n. 1, p. 81-101, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17547075.2018.1434368>. Acesso em: 17 jul. 2024.

TELLER, S. **História do corpo através da dança da ciranda: Lia de Itamaracá.** Dissertação de mestrado em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

VAN AMSTEL, F.; SÂMIA, B.; SERPA, B. O.; MARCO, M.; CARVALHO, R. A.; GONZATTO, R. F. **Insurgent Design Coalitions: The history of the Design & Oppression network.** In: LEITÃO, R. M.; MEN, I.; NOEL, L.-A.; LIMA, J.; MENINATO, T. (eds.). Pivot 2021: Dismantling/Reassembling, 22-23 July, Toronto, Canada, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21606/pluriversal.2021.0018>. Acesso em: 17 jul. 2024.

VAN AMSTEL, F. M. C.; GONZATTO, R. F. **The anthropophagic studio: towards a critical pedagogy for interaction design.** Digital Creativity, v. 31, n. 4, p. 259-283, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14626268.2020.1802295>. Acesso em: 17 jul. 2024.